



CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÃO DE DIREITOS HUMANOS E MINORIAS

REQUERIMENTO Nº DE 2013
(Do Sr. Roberto de Lucena)

Requeiro, nos termos regimentais, que esta Comissão acompanhe junto a Procuradoria-Geral de Justiça e a Delegacia de Homicídios do Rio de Janeiro as investigações e as providências que estão sendo tomadas quanto ao desaparecimento do pedreiro Amarildo Dias de Souza.

Senhor Presidente,

Requeiro, nos termos regimentais, que esta Comissão acompanhe junto a Procuradoria-Geral de Justiça e a Delegacia de Homicídios do Rio de Janeiro as investigações e as providências que estão sendo tomadas quanto ao desaparecimento do pedreiro Amarildo Dias de Souza.

J U S T I F I C A T I V A

Entre os dias 13 e 14 de julho a Operação Paz Armada mobilizou 300 policiais e entrou na Rocinha para prender suspeitos depois de um arrastão ocorrido nas proximidades da favela. Segundo a polícia, 30 pessoas foram presas, entre elas Amarildo.

Aos 43 anos, Amarildo desapareceu sem que a família tivesse direito sequer a uma explicação oficial, como tantos outros de tantas favelas brasileiras vítimas de violência policial.

O ajudante de pedreiro Amarildo Dias de Souza, 47 anos, voltava de uma pescaria no dia 14 de julho quando quatro policiais militares o pegaram na frente de casa e o levaram até a sede da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da Rocinha, no Rio.



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Naquele fim de semana, 48 pessoas foram presas numa operação contra o tráfico de drogas. A PM afirma que Amarildo foi confundido com um traficante, mas que ele teria sido liberado logo após a apresentação na UPP.

Desde então, a dona de casa Elizabeth Gomes da Silva, 48 anos, mulher de Amarildo, nunca mais o viu e convive com a incerteza e a revolta de não saber se o marido está vivo ou morto.

Conhecido como "Boi", por causa de sua força, o pedreiro garantia o sustento dos seis filhos. Bete, como era conhecida a mulher dele na comunidade, tinha parado de fazer faxinas e lavar roupas para fora para ficar com as crianças. Amarildo fazia bicos na comunidade e, por último, estava trabalhando em Copacabana. Saía cedo e voltava só à noite. Comprava, aos poucos, material de construção para reformar a própria casa. Sem o provedor, a obra ficou inacabada e a família foi morar na casa de uma irmã de Amarildo.

Passados vários dias, o sumiço do trabalhador, segue sem explicações. Parentes do pedreiro e moradores da comunidade têm feito manifestações frequentes pedindo informações sobre o paradeiro dele.

É inaceitável qualquer pessoa entrar num posto policial e desaparecer, como tem acontecido com milhares em todo o Brasil.

Dessa forma, requeiro nos termos regimentais, que esta Comissão acompanhe junto a Procuradoria-Geral de Justiça e a Delegacia de Homicídios do Rio de Janeiro as investigações e as providências que estão sendo tomadas quanto ao desaparecimento do pedreiro Amarildo Dias de Souza.

Sala das Comissões, 06 de agosto de 2013.

Deputado ROBERTO DE LUCENA
PV/SP